

A biópsia de pele como auxílio no diagnóstico das lesões cutâneas de cães e gatos

Claudia Del Fava
delfava@biologico.sp.gov.br
Centro de P&D de Sanidade Animal

Número 197 - 28/02/2014

Os proprietários são, geralmente, os primeiros a observar alterações cutâneas em seus animais, pelo fato de estarem em convívio próximo/intimo com eles na residência. Observando-os frequentemente, pegando-os no colo, dormindo com eles, acariciando-os, sentindo seu cheiro, são nestes momentos que o proprietário descobre algum nódulo ou ferida na pele do seu cão ou gato. Os seres humanos frequentemente manifestam asco e repulsa aos animais de companhia com lesões dermatológicas, sendo uma preocupação do médico veterinário clínico diagnosticar o mais rápido possível a causa da lesão, se é contagiosa ou não aos seres humanos (zoonose), se a lesão é neoplásica (benigna ou maligna) ou não.

A afecção dermatológica representa a maior casuística dos casos atendidos em clínicas veterinárias. A maioria das queixas dos proprietários relacionadas à pele de seus cães e gatos refere-se a três problemas principais: coceira, queda de pelo e massas cutâneas. Muitas vezes a coceira e queda de pelos podem estar associadas à sarna sarcóptica e à micose (*Microsporum canis*), que são zoonoses e podem infectar o animal e o homem. Neste caso, o diagnóstico do agente etiológico passa a ter importância em saúde pública. É importante lembrar que a pele sadia depende da integridade funcional de todos os outros sistemas corporais, e as lesões cutâneas podem ser secundárias a alguma afecção sistêmica básica como, por exemplo, as que envolvem o sistema endócrino, como hiperadrenocorticismo (síndrome de Cushing) - que afeta a adrenal, e hipotireoidismo - que afeta a tireoide.

A abordagem clínica do paciente canino e felino deve ser realizada de forma sistemática. A progressão das lesões e das doenças de pele quase sempre pode ser determinadas com um bom histórico, que se inicia com a anamnese, onde a idade, a raça e o sexo dos animais, a evolução (natureza crônica ou recidivante), tratamentos anteriores, alimentação, histórico familiar, seres humanos acometidos, podem direcionar o médico veterinário na provável causa e nos métodos diagnósticos adequados. Com relação à idade do animal, a demodicose é uma sarna comum em cães muito jovens, enquanto que as neoplasias são mais frequentes em animais idosos. A hiperpigmentação cutânea, quando afeta indivíduos do sexo masculino, pode estar associada ao criptorquidismo (testículo presente na cavidade abdominal e não no escroto) e ao tumor de células de Sertoli. A predileção por determinada raça determina a ocorrência de alguns tipos de distúrbios de pele. As alergias podem ser de origem alimentar ou até mesmo genética (casos que se repetem em uma mesma família do animal). Seres humanos e seus animais de companhia com prurido podem estar infestados com sarna sarcóptica (zoonose) ou fungos. A dermatite alérgica por inalação é quase sempre estacional, ou seja, ocorre numa mesma época do ano. Outra doença de caráter zoonótico de extrema importância é a leishmaniose, tanto o cão quanto o ser humano podem ser acometidos e desenvolverem as formas cutânea e visceral.

O exame físico do animal revela as lesões patológicas macroscópicas que estão presentes, por visualização direta, devendo ser observada a morfologia, localização e distribuição das lesões, presença de sujidades de pulgas ou fragmentos de cestóides aderidos à cauda do cão, vermelhidão cutânea associada à coceira, entre outros.

O raspado de pele é um diagnóstico rápido, que pode ser realizado durante o atendimento clínico do animal. É um teste muito utilizado na rotina do consultório, para investigar parasitas como ácaro sarcóptico ou demodécico, bem como a presença de fungos, entre outros.

Os materiais para exame citológico podem ser coletados por uma variedade de técnicas (esfregaço direto ou por impressão, raspado, esfregaço com suabe, aspirados com agulha fina), o material é espalhado sobre lâmina de vidro de microscopia, deixa-se secar, cora-se a lâmina e observa-se ao microscópio a morfologia das células (normal, neoplásica), presença de células inflamatórias (mononucleares, polimorfonucleares), estruturas fúngicas, parasitos.

Os materiais cutâneos (fragmentos de pele, pelo, unha, raspado cutâneo, crostas, pus) podem ser coletados com suabe, agulha ou raspado e serem encaminhados para identificação parasitológica, fúngica, bacteriana e viral, que são sempre auxiliares no diagnóstico dermatológico.

Biópsia cutânea

Quanto aos tumores de pele em cães e gatos, há uma casuística significativa entre as dermopatologias diagnosticadas na clínica de pequenos animais. Tanto nos casos de doença tumoral quanto dermatites e dermatoses, a biópsia cutânea é um teste essencial, sendo comumente utilizadas duas técnicas para colheita do material, sempre tomados os devidos cuidados de desinfecção do campo cirúrgico e anestesia:

1) total excisão cirúrgica do tumor com margem de segurança: serve tanto para o diagnóstico como para o terapêutico;

2) "punch": uma pequena porção da lesão é retirada para exame, com o auxílio deste diapositivo, sendo utilizada em afecções mais extensas. O ideal é obter amostras de lesões em diferentes estágios de desenvolvimento e, se possível, colher material da periferia de uma lesão e incluir o tecido de aparência normal.

As biópsias são fixadas em formol 10% e encaminhadas para processamento histopatológico, onde são emblocadas em parafina, cortadas em micrótomo e montadas lâminas histopatológicas coradas pela hematoxilina e eosina, que serão analisadas pelo médico veterinário patologista. Este profissional observará ao microscópio óptico comum os bordos cirúrgicos e a lesão como um todo, procurando identificar o tipo morfológico das células inflamatórias (mononuclear, polimorfonuclear), sua distribuição, alterações nas células teciduais (degeneração, necrose, tumoral), além de permitir apontar o tipo de causa, dentre as quais tumoral, infecciosa (bacteriana, fúngica, viral), parasitária, alérgica, autoimune, nutricional e hormonal, entre outras. Isso mostra a importância da histopatologia como método laboratorial para realizar o diagnóstico diferencial, a fim de determinar a causa da doença e orientar o clínico de pequenos animais no prognóstico e no tratamento do paciente.

Colorações diferenciais nas lâminas histopatológicas podem ser adicionalmente realizadas, por exemplo, Azul de Toluidina para diferenciar mastocitoma, coloração de Grocott-Gomori ou Ácido Periódico de Schiff (PAS) para visualizar fungos, Gram em tecidos para demonstrar a morfologia bacteriana e afinidade tintorial (bactérias gram-positivas ou negativas), entre outras.

A imunohistoquímica pode ser empregada na detecção de marcadores tumorais a fim de identificar certos tipos histológicos de tumores, o que direciona o tratamento e, entre outras, pode confirmar o agente etiológico, como em casos de leishmaniose cutânea.

Muitos são os fatores que podem interferir na qualidade e na confiabilidade do diagnóstico histopatológico, os mais comuns são o emprego de equipamentos e técnicas incorretos, informações clínicas incompletas, má utilização de medicamentos e inadequada experiência do patologista. Quando todos esses aspectos são corrigidos e há uma boa relação entre o clínico e o patologista, a biópsia de pele pode refletir corretamente o diagnóstico em mais de 90% dos casos. Contudo, o exame histopatológico pode não ser conclusivo em algumas circunstâncias, como nas dermatites crônicas inespecíficas, especialmente nas dermatopatias autoimunes e nas neoplasias pouco diferenciadas, o que requer exames complementares mais específicos como imunohistoquímica, e outras avaliações de patologia clínica.

Atividades realizadas pelo Laboratório de Anatomia Patológica visando ao diagnóstico de dermatopatias

1) Atendimento de rotina: O Laboratório de Anatomia Patológica, do Centro de P&D de Sanidade Animal do Instituto Biológico, realiza em sua rotina diagnóstica a histopatologia de biópsia de pele de diversas espécies animais, dentre as quais cães e gatos, encaminhada por médicos veterinários que solicitam o diagnóstico diferencial de enfermidades cutâneas. Isso mostra o compromisso no atendimento aos clientes, implantando técnicas laboratoriais que auxiliem no diagnóstico de enfermidades que acometem os animais de companhia, permitindo diferenciar as patologias quanto à sua causa e risco em saúde pública (zoonoses).

2) Pesquisa científica: A equipe do Laboratório de Anatomia Patológica do IB realizou, recentemente, um estudo da casuística de tumores de pele de cães encaminhados para o diagnóstico diferencial histopatológico no período de 16,5 anos (janeiro de 1996 a junho de 2013)⁷. Os animais mais velhos foram os que apresentaram maior número de neoplasias de pele, onde 64,7% tinham idade acima de seis anos. Das 72 formações neoplásicas computadas, 47,2% foram proliferações benignas e 52,8% malignas. Os tipos tumorais mais frequentes foram lipossarcoma, melanoma, carcinoma de células basais, mastocitoma, tumor venéreo transmissível, adenoma perianal, lipoma e carcinoma de células escamosas. Os menos frequentes foram papiloma, fibroma, hemangiossarcoma, fibrossarcoma e histiocitoma. Dos 72 tumores cutâneos computados, as formações não neoplásicas foram cisto dermoide e cistos foliculares. Este estudo demonstrou que os casos de biópsias de tumores avaliados no Instituto Biológico apresentam tipos semelhantes aos diagnosticados em populações caninas estudadas por outros pesquisadores no Rio Grande do Sul¹⁰ e Rio de Janeiro⁹, sendo importante realizar e publicar os resultados desses estudos, que podem direcionar tratamentos, profilaxia dessas doenças e investimentos em saúde pública.

Referências

1. Carson, R.; Hladik, C. *Histotechnology: a self-instructional text*. 3.ed. Hong Kong: American Society for Clinical Pathology Press, 2009.
2. Goldschmidt, M.H.; Hendrick, M.J. Tumors of the skin and soft tissues. In: Meuten, D.J. *Tumors in domestic animals*. 4.ed. Ames: Iowa State Press, 2002. p.45-118.
3. Gross, T.L.; Ihrke, P.J.; Walder, E.J.; Affolter, V.K. *Doenças de pele do cão e do gato. Diagnóstico clínico e histopatológico*. 2.ed. São Paulo: Roca, 2009. 889p.
4. GINN, P.E.; MANSELL, J.E.K.L.; RAKICH, P.M. Skin and appendages. In: Jubb, K.V.F.; Kennedy, P.C.; Palmers, N.C. (Eds.) *Pathology of Domestic Animals*. 5.ed. v.1. Philadelphia: Elsevier, 2007. p.553-781.
5. Hargis, A.M.; Ginn, P.E. O tegumento. In: McGavin, M.D.; Zachary, J.F. (Eds.) *Bases da Patologia em Veterinária*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p.1107-1261.
6. Lyman, R. Dermatopatias. In: Fenner, W.R. *Manual de prática clínica veterinária*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. p.64-88.
7. Scattone, N.V.; Dias, A.; Azevedo, B.G.; Justino, D.M.; Del Fava, C. Casuística de tumores cutâneos em cães diagnosticados pelo Laboratório de Anatomia Patológica do Instituto Biológico. *Biológico*, v.75, n.2, p.26, 2013. Trabalho apresentado no Congresso de Iniciação Científica em Ciências Agrárias, Biológicas e Ambientais, 11., 2013, São Paulo. *Resumos*.
8. Scott, D.W.; Miller, W.H.; Griffin, C.E. *Dermatologia de pequenos animais*. Rio de Janeiro: Interlivros, 1996. 1130p.
9. Silva, T.R.; França, T.N.; Cunha, B.R.M.; Prado, J.S.; Brito, M.F. Neoplasias cutâneas de cães diagnosticadas no Laboratório de Histopatologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro de 1995 a 2005. *Revista Ciência da Vida*, v.31 n.1, p.93-102, 2011.
10. Souza, T.M.; Figuera, R.A.; Irigoyen, L.F.; Barros, C.L.S. Estudo retrospectivo de 761 tumores cutâneos em cães. *Ciência Rural*, v.36, n.2, p.555-560, 2006.



Figura 1 – Cão com sarna demodécica (demodicose) distribuída pelo corpo do animal.

(uploads/artigos/197/1.jpg)

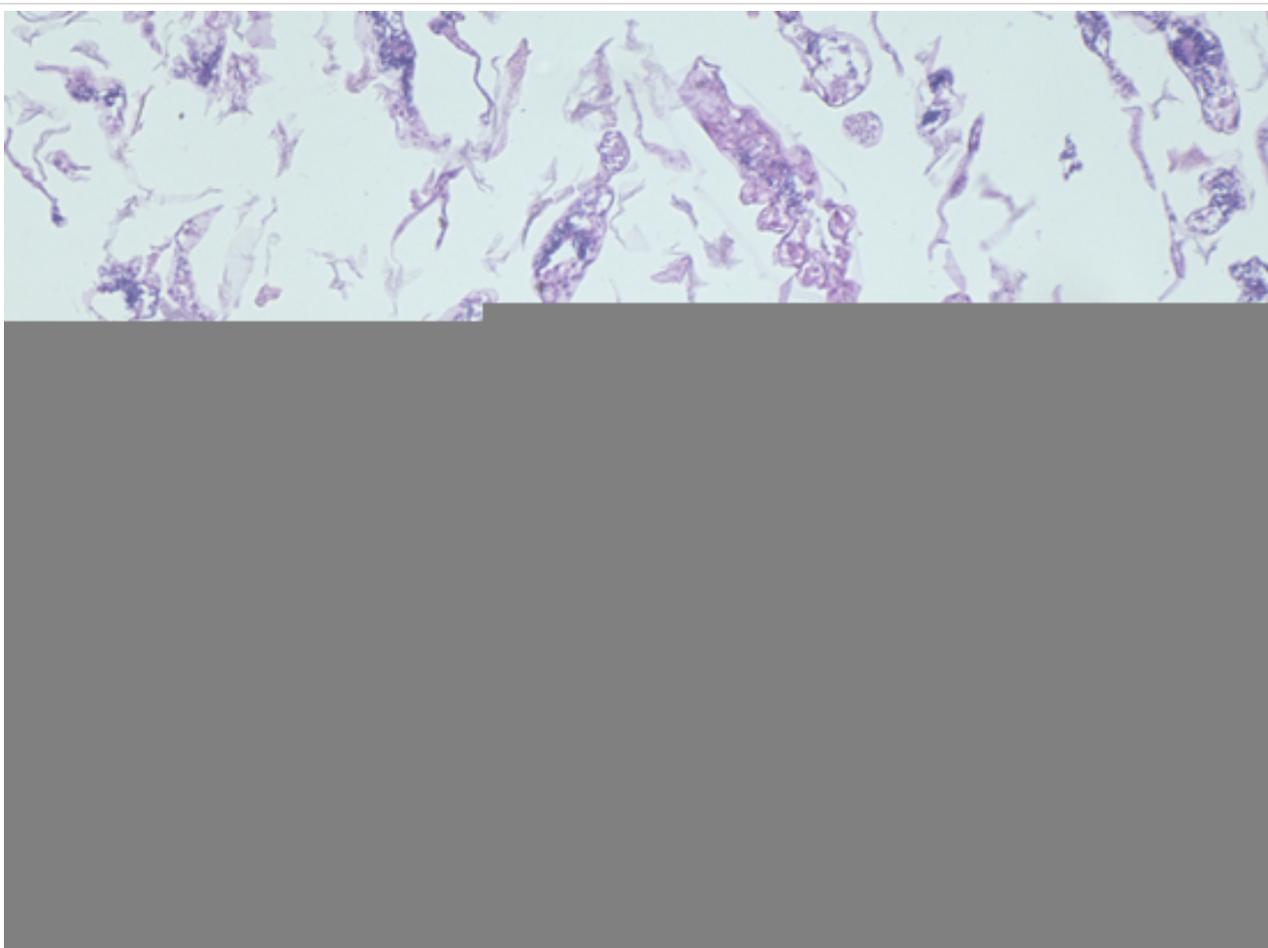


Figura 2 – Pele de cão – biópsia – ácaros Demodex causadores da demodicose canina (coloração HE, aumento 200x).

(uploads/artigos/197/2.jpg)



Figura 3 – Pele de cão – biópsia - nódulo subcutâneo causado por injeção medicamentosa (coloração HE, aumento 25x).

(uploads/artigos/197/3.jpg)



Figura 4 – Pele de cão – biópsia – hipotireoidismo – ausência de folículos pilosos na derme (coloração HE, aumento 100x).

(uploads/artigos/197/4.jpg)

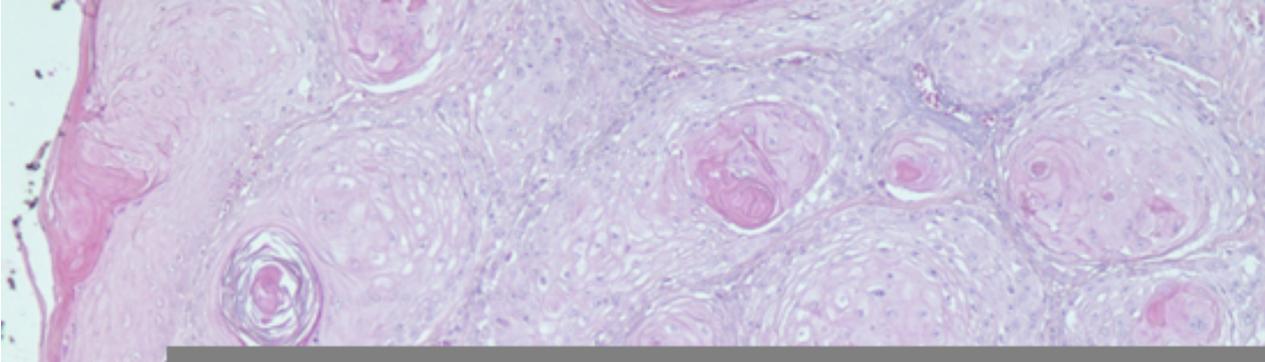


Figura 5 – Pele de cão – biópsia – carcinoma epidermoide de células escamosas – inúmeras pérolas córneas na derme (coloração HE, aumento 100x).

(uploads/artigos/197/5.jpg)

Figura 6 – Pele de cão – biópsia – melanoma (coloração HE, aumento 200x).

(uploads/artigos/197/6.jpg)

Ter em casa um animal sadio é sinônimo de saúde para a família.

(uploads/artigos/197/7.jpg)